



## LITERATURA E REVOLUÇÃO: DOUTOR JIVAGO E A REVOLUÇÃO RUSSA

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4047

Luiz Gustavo Cossari, UEL

### Resumo

O livro vencedor do Prêmio Nobel de Literatura de 1958 (recusado pelo autor), teve sua publicação clandestina no Ocidente via um editor italiano, pois fora recusado na União Soviética, foi traduzido do russo ao português e prefaciado por Zoia Prestes. O enredo permeia o processo histórico da Rússia e da União Soviética, inicia no contexto da Revolução de 1905, quando o jovem Jivago é testemunha ocular de uma demonstração pacífica de trabalhadores que foi reprimida violentamente pelas forças de segurança czaristas. Na trama, o protagonista atua na Primeira Guerra Mundial como médico no *front* russo-germânico, e também testemunha dos acontecimentos de 1917 em Moscou, com a alocação coletiva de cidadãos no apartamento de Jivago e a crise de desabastecimento durante aquele inverno. A trama conta com a ida dos personagens à Sibéria, numa tentativa de buscar melhores condições de vida no campo durante a Guerra Civil. O enredo leva o protagonista ao contexto conflituoso da coletivização no interior do país, com a destruição de aldeias e o cotidiano dos guerrilheiros nas florestas, que com suas famílias, estabeleceram uma organização social singular em meio às suas atividades bélicas e políticas. No decorrer do enredo, há assembleias e debates políticos entre lideranças dos partidos diversos e facções de guerrilheiros. Enfim, a trama Pasternak se desenrola desde o contexto pré-revolucionário até o fim da Era Stalin nos anos 1950, perpassando, assim, duas guerras mundiais, a guerra civil e o *gulag*. O livro contribuiu, assim, para formar no ocidente uma imagem daquele país.

### Palavras Chave:

Revolução Russa; Guerra Civil; História; Literatura.

## Literatura e revolução: Doutor Jivago e a Revolução Russa

O presente trabalho tem como objetivo analisar as representações dos eventos, do processo histórico e da atmosfera política e social russa de 1905 até a Segunda Guerra Mundial, a partir da obra vencedora do Prêmio Nobel de Literatura de 1958, Doutor Jivago, de Boris Pasternak. O enredo se desenrola pelo período final da Rússia czarista, no início do século XX e as conseqüentes primeiras décadas da Era Soviética. O enredo perpassa eventos em que os personagens são inseridos como participantes ou testemunhas de eventos históricos, como a Revolução de 1905, o Domingo Sangrento, a Primeira Guerra Mundial no front russo-austríaco, a atmosfera em Moscou de 1917, a conseqüente Guerra Civil, os Urais, a Sibéria, as florestas e seus guerrilheiros, os trens blindados, as aldeias incendiadas, a fome, as deportações, as migrações e o Gulag.

A primeira publicação da obra não foi em russo, pois “Pasternak entregou os originais a Giangiacomo Feltrinelli que, contra a vontade do escrito, editou o livro numa edição italiana, em 1957”, como afirma na introdução a tradutora Zoia Prestes, e prossegue por justificar o sucesso internacional e o valor histórico da obra, apesar de ser um romance, um escrito literário, pelo fato de que a

“União Soviética pós-guerra era um país isolado, fechado. Tudo que ocorria lá só foi revelado anos mais tarde, no XX Congresso do Partido Comunista, pelo então secretário-geral Nikita Kruchev. E é aí que reside o valor histórico do romance de Pasternak, pois mostra todo o drama vivido pelo povo russo, em todas as camadas sociais, as questões filosóficas e posições políticas de seus personagens logo após a Revolução de Outubro. (PRESTES in: PASTERNAK,

2008, p. 16).

A tradutora provavelmente se referiu aos horrores da guerra civil, a fome, a violência e os posteriores expurgos de Stalin nos anos 1930, que inclusive, no livro, custa a vida de uma das personagens principais, Lara, que é enviada ao gulag, onde morre.

O livro conta com mais de setecentas páginas onde intercalam-se narrativas a respeito do desenrolar das vidas pessoais dos personagens principais, intercalando com a descrição dos acontecimentos políticos e o desenvolvimento pessoal dos personagens, sejam os estudos colegiais e os debates intelectuais com o desenvolvimento do gosto de Iúri pela poesia. Desde a chegada em Moscou dos personagens Iúri Jivago e Lara Guichard, ainda na infância, por volta da página 60, já aparecem no texto representações de acontecimentos políticos à época da Revolução de 1905, quando o pai de Pacha Antipov, futuro marido de Lara é preso e exilado após uma greve dos ferroviários nas cercanias de Moscou. Pouco mais adiante, Pasternak prossegue por narrar o episódio em que o pequeno Pacha e sua cuidadora participam de uma manifestação de rua por parte dos trabalhadores e estudantes, que vem a ser massacrada por uma emboscada das tropas cossacas.

“Logo após o Manifesto de 17 de outubro, pensou-se em realizar uma grande manifestação [...]. Várias organizações revolucionárias, [...] brigaram entre si e, uma a uma, desistiram dela. Mas quando souberam que, na manhã marcada, o povo mesmo assim saiu à rua, enviaram rapidamente os seus representantes [...] velhos, crianças, ferroviários de uniforme, operários da companhia de bondes e da estação telefônica com botas acima dos joelhos e jaquetas de couro e estudantes. Durante algum tempo cantaram *Varchavianka*, *morremos como vítimas e a Marselhesa*. [...]

comunicaram aos organizadores da passeata que os cossacos aguardavam os manifestantes mais à frente”. (Idem, *ibidem*, pp. 67-68).

Após o recado da emboscada, a passeata se refugiou em um prédio com auditório, onde aconteceram comícios, porém, ao voltaram às ruas,

“Quando os dragões avançaram, ninguém nas últimas fileiras percebeu. De repente, lá da frente, soou um rumor crescente, como quando a multidão grita ‘Urra’. Gritos de ‘socorro’, ‘mataram’ e muitos outros se misturavam a algo incompreensível. [...] por uma passagem estreita que se formou na multidão que se afastava, impetuosa e silenciosamente passaram correndo caras e crinas de cavalos e cavaleiros brandindo sabres. O meio-pelotão passou a trote, deu meia volta, se alinhou e se encaixou atrás da multidão. Começou o espancamento. [...] De repente, o sol, que se punha em algum lugar atrás das casas, começou a apontar da esquina, como se fosse um dedo, tudo que era vermelho e foi deixado na rua: a parte superior vermelha do chapéu dos dragões, o enorme pano da bandeira vermelha caída no chão, as marcas de sangue que se estendiam pela neve em linhas e pontos vermelhos”. (Idem, *ibidem*, p. 67-68).

Mais adiante, antes de avançar a narrativa para desenvolvimentos na vida familiar e o prosseguimento da narrativa a respeito da formação escolar e a entrada dos personagens na vida adulta, Pasternak faz uma breve menção sobre uma barricada na cidade que estava para ser atacada por canhões, no momento em que descreve os personagens, ainda crianças, brincando de guerra, e no fundo, os ruídos dos tiros nos eventos de 1905 em Moscou.

Mais adiante, a narrativa avança para um momento em que os acontecimentos marcantes do início do século XX vêm novamente a transformar a vida dos protagonistas. Desta vez, a

Primeira Guerra Mundial havia eclodido e, deixando Lara na Sibéria, seu marido Pacha, motivado por sentimentos nacionalistas mesclados à vontade de escapar de um amor não correspondido em seu casamento, resolve se voluntariar no Exército Russo e parte para o front russo-austriaco. No desenrolar do enredo, a guerra viria a unir novamente Iúri e Lara, que haviam se visto brevemente na infância. Pois Lara havia se voluntariado como enfermeira, para procurar o marido, Pacha, encontrando, assim, Iúri Jivago que estava no front como médico militar. Neste momento da narrativa, transparecem algumas representações da frente de combate e da retaguarda, com a descrição de elementos componentes das batalhas no momento da ofensiva russa na frente de Bresilovski, contra os austríacos. Elementos descritivos de destruição e os horrores da guerra se transparecem na narrativa:

“As aldeias em ruínas assemelhavam-se a um amontoado de lixo e cascalho que se estendia na mesma linha onde ficavam as casas anteriormente. Os povoados queimados podiam ser observados de uma ponta a outra, como descampados sem vegetação. Mulheres velhas, vítimas dos incêndios, escavavam entre as cinzas, cada qual nas ruínas de suas próprias casas, uma coisa ou outra que, de vez em quando, a toda hora escondiam em algum lugar, imaginando-se protegidas de olhares alheios, como se ao redor delas existissem ainda as antigas paredes”. (Idem, *ibidem*, p. 166-167).

O autor prossegue por intercalar a descrição de eventos militares, como o ataque de artilharia alemã de 400mm e as impressões pessoais dos personagens a respeito da violência da guerra que estavam imersos e que testemunhavam a partir do hospital de campanha

“Iúri se acostumara com dificuldade à lógica sanguinária do

aniquilamento mútuo, à visão dos feridos, em particular aos horrores de alguns ferimentos de armas mais modernas, e à ideia de sobreviventes mutilados, transformados pela técnica atual de combate em pedaços de carne deformados.” (Idem, *ibidem*, p. 173).

Outro elemento componente do contexto da Grande Guerra presente no texto são os *pogroms*, e a perseguição aos judeus no território russo por parte das tropas czaristas. Pasternak dá voz a Iúri Jivago no momento em que este retorna à uma aldeia e testemunha as consequências da perseguição:

“ - Isso é horrível, você não pode imaginar como é grande o cálice de sofrimento que os judeus tiveram que engolir nesta guerra. E ela acontece justamente no território de maior concentração deles. E como compensação pelo que passaram, pelo que sofreram, pelos saques e ruínas, pagam-lhes com o *pogrom*, achincalhes e acusações de que não são patriotas o suficiente. O que fazer se nossos inimigos lhes dão todos os direitos e entre nós são submetidos a perseguições?” (Idem, *ibidem*, pp. 177-178).

Com os personagens submergidos em seus dramas pessoais ambientados nos eventos históricos da Primeira Guerra Mundial - com Lara à procura de Pasha, que havia sido dado como desaparecido após um ataque de artilharia austríaca, Pasternak emprega suas conversas, pensamentos e reflexões para fornecer uma narrativa sobre o tempo e o contexto no qual seus personagens estavam submersos. Com destaque para o pensamento filosófico de Iúri Jivago, pois além da ciência médica, dedicava-se desde muito aos manuscritos e à poesia.

É neste contexto, com os personagens no front que o autor introduz ao desenrolar do enredo os eventos de 1917. Com a guerra perdida e o front

entrando em colapso, a unidade médica onde estava o Doutor Iúri Jivago, médico militar foi transferido e iniciou-se a retirada. Com notícias de que a guarnição de Petersburgo havia passado para o lado dos rebeldes, a instabilidade de um front colapsado aumentaram. No longo trecho de trem da Galícia, na atual Ucrânia, até Moscou, Iúri testemunhou o estabelecimento da “República de Zibuchino e outras manifestações políticas similares de soldados desertores do exército czarista e guerrilheiros instalados nas florestas que não reconheciam o Governo Provisório, como uma tentativa de reorganização política descentralizada nas aldeias ocupadas também por facções anarquistas armados, e existem situações como comícios pacíficos, discussões públicas e assembleias, como na aldeia de Meliuzeev. E o enredo prossegue com aldeia cercada por um contingente de cossacos leais ao Exército Vermelho, que tinham vindo para reprimir os anarquistas, revelando a fragmentação política e os conflitos armados do princípio da Guerra Civil. Também há menção à atuação de comissários do Partido Comunista junto às tropas e o estabelecimento de tribunais revolucionários como forma de reforçar a disciplina e lealdade num contexto de fragmentação e deserções em massa.

Em tom reflexivo sobre os eventos transformadores, o narrador ao analisar as transformações na vida de Jivago ao ritmo de uma época de mudança dos tempos, que trazia algo novo e inesperado:

“Este novo era a guerra, seu sangue e terrores, seu abandono e sua selvageria. Esse novo eram as provações e a ciência da vida que a guerra ensinava. Este novo eram as cidades nos confins do mundo para onde a guerra o levava e as pessoas que a guerra colocara em seu caminho. Este novo era a revolução, mas não aquela idealizada nas universidades em 1905, mas esta, atual, presente,

nascida da guerra, sanguinária,  
dirigida por peritos nessa  
tempestade, os bolcheviques.  
(Idem, ibidem, p.229).

Após três anos na guerra, Iúri retorna a Moscou e procura buscar o “reestabelecimento da existência” na Moscou da Guerra Civil, onde trabalha como médico num hospital de procurava restabelecer a vida doméstica e dedica tempo à escrita e aos poemas. Porém, nesta parte do desenrolar do enredo, a trama é permeada de novas situações impostas pelas transformações trazidas pela revolução, como a coletivização do grande edifício posteriormente ocupado pela família da esposa de Jivago. Eventos aos quais Pasternak dá voz às reflexões de Iúri, que não se sente incomodado pela coletivização e aceita o processo transformador, pois:

“[...] na vida dos abastados existia algo de doentio. Um número infinito de coisas supérfluas. Moveis e quartos em excesso na casa, excessivo refinamento, excessivas expressões pessoais. Fizeram muito bem em restringir o espaço. Mas ainda é pouco, é necessário mais”.  
(Idem, ibidem, p. 241).

Sobre as transformações da Revolução e as consequências da guerra, Pasternak introduz algumas reflexões a partir da fala de um personagem presente em uma noite de celebração na casa de Jivago, que na escassez de bebidas alcoólicas, bebiam um diluído de álcool contrabandeado de um laboratório:

“Neste terceiro ano da guerra, o povo se convenceu de que, mais cedo ou mais tarde, o limite entre a frente e a retaguarda precisa desaparecer. O mar de sangue alcançará cada um de nós e cobrirá os que ficaram fora da guerra. A Revolução é exatamente essa inundação. [...] Não sei se o povo irá se levantar, e como um muro, defender a revolução, ou se tudo será feito em seu nome. Um acontecimento de tal magnitude

dispensa o pedido de credenciais e a prova dramática de sua existência. [...] Também acho que o destino da Rússia é se tornar o primeiro país socialista, desde a criação do mundo”. (Idem, ibidem, pp. 257-258).

Nesta época, o protagonista trabalhou num hospital, que apesar da revolução desconstruiu muitos simbolismos religiosos, ainda levava o nome de “Cruz Erguida”. No enredo, o hospital é palco de debates políticos e polarização ideológica entre Iúri Jivago e os colegas. “Para os moderados, cuja estupidez revoltava o doutor, ele parecia ser perigoso e, para as pessoas que politicamente já estavam mais avançadas, ele parecia insuficientemente vermelho.” (Idem, ibidem, p. 260). Em Moscou, além das coletivizações, estão presentes também no enredo as preocupações dos personagens com o desabastecimento e o aquecimento para o inverno que se aproximava. A comida era escassa e havia uma falta de madeira e outros combustíveis para enfrentar o frio do inverno moscovita. Aparecem adaptações como um pequeno forno improvisado de ferro aquecido à álcool, que salvou muitas pessoas do congelamento na Moscou da escassez e da guerra naquele inverno.

As duras condições de vida do inverno na capital encorajam a família a viajarem para os Urais em busca de melhores condições de vida no campo, e mudaram-se para uma das propriedades da família da esposa de Jivago, neste momento eles já têm um filho.

No trem entre a capital e os Urais, a família é testemunha de episódios que ocorriam durante a Guerra Civil no interior do país. No trem em que estavam, haviam também um contingente de marinheiros e guardas do Exército Vermelho, além de um número de pessoas condenadas a trabalhos forçados que estavam sendo transferidas para a Sibéria. Destruição e aldeias incendiadas, e há referência a uma aldeia onde o Exército

Branco havia estado até pouco tempo e de onde foram desalojados por um contingente do Exército Vermelho com o apoio de um trem blindado. A atmosfera de volatilidade política é revelada na fala de um personagem em conversa com Jivago no trem, quando fala sobre a vontade de autonomia dos camponeses mujiques e a resistência em aceitar qualquer autoridade do governo central.

“Afaste-se 100 quilômetros dos trilhos. Por toda parte acontecem revoltas dos camponeses. Contra quem, o senhor vai perguntar? Contra os Brancos, os Vermelhos, dependendo de quem estiver no poder. Quando a Revolução o despertou de seu sono, ele acreditou que estava realizando o sonho secular de vida individual, de existência anárquica, em pequenas propriedades com o fruto de seu trabalho, sem depender de ninguém ou ter obrigações com quem quer que fosse. Em vez disso, das velhas garras do governo derrubado ele caiu nas rédeas mais curtas do supergoverno novo e revolucionário”. (Idem, *ibidem*, p.340).

O companheiro de viagem de Iúri se referia, provavelmente às políticas de confisco de colheitas no período do Comunismo de Guerra, durante a Guerra Civil, após diversos incidentes de confronto entre tropas do Exército Vermelho e camponeses insurgentes, que agora autônomos, muitas vezes retinham suas colheitas. Complicando ainda mais a frágil situação de abastecimento russa após anos de uma guerra mundial, uma revolução e uma guerra civil.

Entretanto, Pasternak escreve que neste momento, seu protagonista ao mudar-se para o campo, motivado por sentimentos bucólicos e românticos. Sonho que de certa forma se materializa, pois a família Jivago se estabelece na propriedade e começa a cultivar a terra para tirar seu sustento. Há também tranquila vida doméstica e Iúri se dedica

aos seus escritos, que prosseguem com fluência.

Após um período de estabilidade nos Urais, a vida do doutor Iúri Jivago sofre outra reviravolta ainda no contexto da Guerra Civil. Enquanto voltava da cidade para a propriedade rural, a cavalo, foi abordado e sequestrado por uma facção de rebeldes guerrilheiros instalados em uma floresta, com os quais ficará por dois anos. Assim, a narrativa prossegue descrevendo este ambiente componente das forças da Guerra Civil que foram os guerrilheiros como os Irmãos da Floresta:

“Os guerrilheiros são os principais quadros da Guerra Civil. Dois princípios deram início a essa força: a organização política que assumiu a liderança da revolução e os soldados da base que, depois de perder a guerra, recusaram-se a obedecer ao antigo poder. Da união dessas duas forças surgiu o exército dos guerrilheiros. Seu efetivo é bem variado. Em sua maioria são camponeses médios. Mas, ao mesmo tempo, pode-se encontrar nele todo tipo de gente. Tem pobretões, frades sem batina e filhos de culaque que lutam contra seus próprios pais. Tem ideólogos anarquistas, fugitivos sem passaporte, meninos expulsos de instituições do ensino médio por terem se metido com mulheres. Tem prisioneiros austríacos e alemães, atraídos com a promessa de liberdade e retorno à pátria. Uma das unidades deste exército popular de milhões de pessoas, denominado Irmãos da Floresta”. (Idem, *ibidem*, p. 368).

O doutor Iúri Jivago fica com os guerrilheiros por dois anos, onde testemunha o dia-a-dia da Guerra Civil em seu ponto de ebulição, com combates bombardeios das atividades militares, mas também o cotidiano diário daquela organização social, que contava além dos combatentes, também, em muitos casos, com suas mulheres e filhos, estabelecendo uma ordem social peculiar. É neste

momento que o doutor testemunha eventos como debates e assembleias políticas entre as lideranças do movimento camponês, os anarquistas e representantes do Partido Comunista, construindo a auto-gestão em uma terra desolada.

Após os dois anos de atividades com os guerrilheiros, Iúri escapa e retorna a pé para sua propriedade nos Urais. No caminho testemunha a destruição dos campos e os incêndios nas aldeias durante os muitos quilômetros que marchou até chegar no lugarejo da propriedade rural onde residiu com a família, somente para descobrir que tinham retornado a Moscou

e depois se exilado na França. O enredo prossegue com a vida doméstica conjunta de Iúri e Lara, consumando o romance, até que, avançando o enredo, Iúri retorna a Moscou, onde morre, e Lara, numa tentativa de ir para o Leste, acaba indo parar num gulag e sendo mais uma vítima dos expurgos. A história continua anos 1930 adentro com a Era Stalin, a repressão e a posterior Segunda Guerra Mundial.

### **Referências**

PASTERNAK, Boris Leonidovich. **Doutor Jivago**. Trad. Zoia Prestes. Rio de Janeiro: BestBolso, 2008.